

LEANDRO GOMES DE BARROS

OS HOMENS

- DA -

9

MANDIOCA



DEBATE DE JOSUE' ROMANO

COM AMARO COQUEIRO

DO PIAUHY



A' venda no Mercado de S. José

Compartimento n. 51

deposito: -rua Telles Junior n. 23

* * * * *
* * * * *

Recife--Pernambuco

Manoel...

1921

OS HOMENS - DA - MANDIOCA

Diz o matuto na praça
a quadra agora me tóca
o commercio e a industria
s'tão soletrando pipóca
minh'alma está no feijão
minha vida na mandioca

Para meu consumo
Basta macacheira
com gomma e crueira
já vê que me arrumo
O milho e o fumo
formam uma grugêta
no fim da colheta
levantou a canna
a fome se damna
eu encho a gaveta.

Se a secca for em progresso
e a farinha não baixar
Se o Rio Grande do Sul
não tiver o que exportar
estou com a faca e o queijo
posso comer de vagar

Mas s'tou com ciúme
è do Rio Grande
que de lá não mando
barcos de legume
elle tem costume
de fazer buraco
o Norte está fraco
o povo morrendo
tudo está comendo
farinha de barco

Mas se santa Catharina
Rio Grande e Paraná
tiverem secca tambem
que não mando nada cá
eu erguerei minha fronte
e digo: tenha mão lá!

Farinha subindo
batata levanta
o povo se espanta
eu fico me rindo
digo: venha vindo!
para mim e os meus,
cuide la nos seus
que a vida hoje é rara
farinha bem cara
Mandai mãe de Deus!

Ha uns dez annos passados
ia vender-se farinha
dizia o povo da praça
compro se for baratinha
porque farinha de roça
só para porco e gallinha,

Já estamos vendo
farinha de barco
dez mil reis um sacco
vem até fedendo
porém estão vendendo
e o povo a come
não chamam-lhe nome
nem choram o dinheiro
pois não ha tempeiro
igualmente a fome.

O povo antes da crise
mulher só vestia sêda
porco não devia ser
pelado na labareda
todo feijão encruava
toda farinha era aseda.

Hoje no mercado
o povo se junta
e ninguém pergunta

por feijão torrado
nem se está furado
ou se estará são
diz ao vendelhio
com a calma immensa
você me dispensa
em cuja um tostão

E' esse o tempo que serve
para o pobre do matuto
que passou, 3, 4 annos
sem dar sahida ao producto
comendo fava sem sál
e cara sem estar enchuto

Levava a farinha
porem não vendia
o povo dizia
que aquillo era tinha
voltava a tardinha
que só um cigano
com tal desengano
sem carne e nem peixe
uma mão no feixe
e a outra no canno.

Agora chega na feira
um carga de farinha

vem dez; logo encontrar ella
cada qual diz: esta é minha
não ha quem ponha defeito
nem diga mais que ella é tinha.

O rico hoje diz
não ha mais quem viva
sem plantar maniva
em nosso Paiz
e chamma feliz
ao povo do mato
e como de facto
poz lá não ha fome
o matuto come
tudo que é barato.

Hoje só pode viver
o governo e o roceiro
isto é bem entendido
da roça, o mandioqueiro
o pobre trabalhador
está com o mesmo desespero.

Feijão a cruzado
isso é uma joia
n'um litro pinoia
e este roubado
e vem bariado

---0---

para ninguem ver
não apparecer
o que n'elle encerra
a metade é terra
quando se escolher

O camarada que vai
com dinheirinho enforcado
chega na venda e se encontra
com feijão o litro a cruzado
não só vem com muita terra
como o litro inda è roubado

O leitor entenda
quem está desgraçado
ganhou um cruzado
foi com elle a venda
nésta crise horrenda
o que nisto encerra?
a fome e a guerra
tiram-lhe a razão
num litro de feijão
a metade é terra.

Para comprar assim mesmo
inda precisa de rogo
porque diz o vendelhão
a bocca è quem faz o jogo

O balcão é a caldeira
a carestia é o fogo.

São taes as respostas
que elles dão alli:
diz um, não nasci
com ninguem nas costas
nem que o corte em postas
nada tenho a ver
todo parecer
não dou e n'em tomo
carne que eu não como
pode apodrecer.

Mas o vendelhão diz isso
é ao pobre jornaleiro
porèm sahindo da venda
auctorisa ao seu cacheiro
que use muita prudencia
se chegar um mandloqueiro.

Mande-o se sentar
veja o que ella quer
o que elle quizer
pode despachar
deixe elle tirar
a satisfação
não faça questão

elle tem dinheiro
um mandioqueiro
é mais que um barão.

Eu vendo a quem tiver roça
a quantia que quizer
empresto até minha se gra
só não lhe vendo a mulher
fóra della venderei
todo objecto qualquer.

Quero muito bem
ao velho dinheiro
e o mandioqueiro
hoje é o quem o tem
e não me convem
que a crise me asanhe
e nem que me apanhe
vexame qualquer
que tem que a mulher
fique sem a mãe?

Os nossos antepassado
tinham ditados tão certos
com bem, elles diriam sup o alev
o mundo é do mais esperto sup o
devido a isso o coelho queb eboq
dorme com os olhos abertos exieb

o mundo é do mais esperto
devido a isso o coelho
dorme com os olhos abertos

Eu só faço agrado
 se vir o dinheiro
 ao mandio que ero
 que for arranchado
 quem for desgraç do
 que desata a rênô
 nem numa parede
 se alguém o pintar
 pode se acabar
 a fome e a séde

Porém ao mandioqueiro
 esse não: que tem farinha
 feijão, batata, cará
 tem bóde, porco e gallinha
 para fazer dez mil réis
 basta-lhe uma bacorinha.



Uma gravação de um
 livro antigo, com o texto
 invertido e parcialmente
 coberto por uma linha preta.

DEBATE DE JOSUE' ROMANO
COM AMARO COQUEIRO
DO PIAUHY

Amaro-Senhor Josué Romano
eu sou Amaro Coqueiro
vim do Piauhý aqui
cantar com o cavalheiro
me disseram que o amigo
assombrou o mundo inteiro

Josué-Tu não assombro ninguém
isso é o povo que diz
sou como outro qualquer
tal profissão nunca quiz
se o collega não for duro
queira Deus seja feliz

Amaro-Josué eu sou coqueiro
onde alguém nunca subiu
e as palhas de meu olho
nem urubù nunca viu
uma aguia quiz ir là
antes de chegar cahiu

J.-Coqueiro eu nunca encontrei
um pau que não derribasse
e nem coqueiro por alto
que nelle eu não trepasse
não lhe meitasse o facão
e os côcos não lhe tirasse

Coqueiro-O Lopes do Paraguay
confiou na valentia
commetteu guerra ao Brazil
julgou vencel-o num dia
porém sahiu ao contrario
tudo quanto elle queria

J.-Meu pae cantou 30 annos
nunca achou quem o vencesse
inda estaria orelhudo
se a dez annos não morresse
eu sigo ao mesmo caminho
meu destino é tambem esse.

C.-Quando o collega encontrar
frio que o faça tremer
pena que o faça chorar
e dôr que o faça gemer
vera tambem que seu pai
qualquer um podia o vencer.

J.-Coqueiro meu braço è forte
 alén de forte é pezado
 alèm de pezado é grande
 alem de grande é cravado
 que ninguem pode torcel-o
 ainda destemperado.

C.-Josué eu nunca achei
 um ferro que eu não quebrasse
 braço que não torcesse
 aço que eu não virasse
 nem quem cantasse commigo
 que depois não se queixasse.

J.-Tambem você nunca viu
 cantador Parahybano
 juro que nunca cantou
 com parente de Romano
 se ja tivesse cantado
 não estava mais nesse engano.

C.-Eu já cantei com Patricio
 um bravo do Pageú
 fiz esse negro subir
 onde não vae urubù
 o negro vinha vestido
 mas quando voltou foi nu.



J.-Eu tambem fui ao Bezerra
lá de sua capital
quando foi a meia noite
elle fez pelo signal
se ajoelhou aos meus pés
e confessou que ia mal.

C.-Mas o collega não pense
que faz o mesmo commigo
se pensar venha com geito
olhe que encontra perigo
eu sou o melhor collega
e o peor inimigo

J.-Não ha gato que me arranhe
nem onça que me tocalhe
nem bravo que parta a mim
nem distracção que me empalhe
e nem duro que me vença
e nem cousa que me engalhe

C.-Josué, isso é engano
é fraco e pouco pensar
juro que se você vir
coqueiro se balançar
só com os rumor das palhas
você deixa de cantar

J.-coqueiro ! eu nunca temi
nem onça na emboscada
não levo corisco em conta
nem noite de trovoada
meu pae tambem era assim
não tinha medo de nada.

C.-Josué em minha praia
valentão morre e não vae
eu tenho em minhas raizes
magnitismo que atrae
em minha aste soberba
qualquer um que subir cae.

J.-Coqueiro eu tenho uma fouce
que um ferreiro me offertou
vulcano bateu o ferro
tubulcaim moldiou
Minerva deu parecer
e Salomão caldlou.

C.-Sua fouce para mim
não faz a primeira entalha
faz logo 2 ou 3 dentes
emperra e pega abrir falha
e fica d'ahi por diante
que não corta mais nem palha

J-Coqueiro não admiro
 essa tua pabulagem
 você tem toda razão
 para contar-me vantagem
 mas você querer vencer-me
 é que lhe acho coragem.

C-Josué eu nunca vi
 cantador como você
 não é por adulação
 porém não ha quem lhe dê
 eu digo com consciencia
 e vou lhe explicar porque.

Suas respostas são duras
 seu repente é muito certo
 quem vier contra Voce
 veja que a queda está perto
 é botar bainha em fouce
 ou ir pregar no dizerto.

J-Coqueiro qualquer cantor
 pode cantar como eu
 porém, fazer eu calar-me
 esse nunca appareceu
 meu pae tambem era assim
 nunca ninguem o venceu.

C.-Senhor Josué lhe pesso
 que cante mais um bocado
 eu quero o apreciar
 cante que fico callado
 vou cantar no Piauhy
 tudo que aqui tem se dado.

J.-Coqueiro eu tenho encontrado
 talento de fazer medo
 sujeito que o ronco delle
 abala qualquer rochedo
 porem cantar em 6 linhas
 não é pequeno brinquedo.

Já encontrei um rapaz
 que fugiu do seminario
 já tinha aberto até crôa
 eu julguei ser um vigario
 metteu-se a cantar commigo
 quando sahiu estava vario.

Eu lhe disse seu vigario
 aqui temos diciplina
 cantar assim não é nada
 porém a sciencia ensina
 eu não respeito—lhe a crôa
 nem poupo sua batina.

PROTESTO



Tendo sciencia de que alguém procura escrever e editar as minhas numerosas trovas populares de que sou exclusivo auctor e proprietario illudindo assim a bôa fé dos meus freguezes e apreciadores.

Protesto contra absorpção dos meus direitos garantidos. pelos arts. 649, 670 e 672, do capitulo VI do código civil brasileiro, fazendo valer os meus direitos opportunamente perante os tribunaes do paiz, já tendo requerido as medidas de que trata o artigo 673 do referido código.

Sirva este meu protesto de aviso aos meus leitores e as autoridades de todas as circumscripções da republica, a quem requeri não só a apprehensão como indemnização pelos damnos causados.

Recife, 20 de Fevereiro de 1921

João Martins de Athayde



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).